

A incidência do pensamento de Sigmund Freud na obra de Norbert Elias e a radicalidade no exame dos processos civilizadores¹

O paradoxo do reconhecimento/desconhecimento de uma obra é sempre um enigma instigante a ser investigado. Que uma obra permaneça praticamente desconhecida durante trinta anos, reprimida e marginalizada para depois ser reconhecida, premiada e traduzida em muitas línguas depende de uma explicação que conjure os conflitos e silenciamentos que a sociedade rejeita e reprime e, em muitos casos, obscurece ou faz desaparecer.

Os segredos ‘ofensivos’ que uma obra comporta, muitas vezes, indicam o potencial interpretativo de sua leitura relativamente aos problemas que ela suscita e põe a mostra. Só isso pode explicar o quase desaparecimento, ou o deslizamento inconsciente, de uma das mais importantes obras do pensamento sociológico – *O processo civilizador* de Norbert Elias. Um medo da contaminação da revelação de um segredo, capaz de redefinir padrões de pensamento

1 Este artigo foi publicado originalmente como capítulo no livro *Psicanálise e Teoria Política Contemporânea* organizado por André Costa, Gabriela Costardi e Paulo Endo.

estabelecidos que o texto revelaria, parece ainda hoje ser um fator importante para os estudos sobre a obra de Elias.

Os sujeitos, as sociedades e suas instituições fizeram, portanto, o longo trabalho de ocultar e silenciar uma obra e seu autor até que, por motivos igualmente ocultos, a obra e o autor adquirem o direito de existir institucionalmente, a posteriori. Tal demora atribuída à tradição intelectual alemã de Elias, num contexto predominantemente francês na Europa (Elias, 1993, p. 9), ou à chegada tardia de Elias à carreira acadêmica, então com 59 anos quando se tornou professor, não dão conta de responder o que, de todo modo, é de difícil decifração. Cito Garrigou e Lacroix (2001) sobre o ocultamento da obra de Elias:

*O que aconteceu para que ele saísse, aparentemente são e salvo, de seu purgatório? Ainda não existem análises que permitam conhecer todas as circunstâncias que envolveram esse fato. É verossímil que para isso tenham contribuído razões exatamente simétricas às do fato de ser desconhecido: o final da guerra fria, o declínio do marxismo, a contestação da sociologia positivista norte-americana. Seja como for, a publicação de sua obra inicial e o sucesso de uma obra descoberta por muitos como se se tratasse de um livro novo balizam as etapas do que parece uma redenção. Depois de várias tentativas infrutíferas de reeditar *Uber den Prozess der Zivilization* em seu país de adoção, o livro é lançado na Alemanha Oriental em 1969 (p. XXIII).*

Mas é provável que um elemento importante nesse processo de ocultação seja também o caráter insurgente e subversivo que a obra contém no que diz respeito à própria institucionalização do saber e suas partilhas mais ou menos arbitrárias. Essas, como sabemos, definem também privilégios e prestígio entre pares.

De fato, “Nada teria menos justificação, finalmente, do que um comprometimento ‘disciplinar’ de Norbert Elias: seus trabalhos subverteram os recortes

institucionais e suas posições são decididamente hostis aos efeitos perversos de toda especialização estreita” (Garrinou e Lacroix, 2001, p. XXX).

Assim permanece ainda um tanto inexplicável que *O Processo Civilizador* tenha sido alçado de uma obra quase que completamente desconhecida para uma das obras destacada da sociologia no século XX.

Cito Zabłudowski (2007):

Teriam que se passar 30 anos desde a data da primeira edição de O Processo Civilizador para que o próprio Elias-graças à sua longevidade-pudesse ser testemunho do ‘redescobrimento’ de sua obra. Essa reavaliação o situa no primeiro plano de alguns círculos sociológicos europeus, ainda que , até o fim de sua vida, siga se sentindo incompreendido (p. 13).

Observação precisa faz Marc Joly a respeito da aproximação que Elias empreende entre a psicanálise e a sociologia e sua recepção no meio sociológico:

Em particular, sua relação com Freud foi e permaneceu a mais mal compreendida. Foi aparentemente difícil admitir que uma teoria ‘sociológica’ como essa dos processos de civilização, pudesse dever tanto a um modo de pensamento exterior ao universo profissional da sociologia, a saber, o modo de pensar psicanalítico; ou mais precisamente, num contexto de profissionalização do metiér sociológico e do crescimento da especialização disciplinar, que um ‘sociólogo’ possa ser ‘freudiano’ (retomando por sua conta o esquema processual do desenvolvimento do ser humano da infância à idade adulta, tal como definido por Freud) sem ser, portanto um epígono, sem proceder por analogia ou por simples deslocamento do diagnóstico clínico do nível individual ao nível social, mas privilegiando uma perspectiva autônoma centrada sobre a expansão do desenvolvimento das sociedades na longa

duração. A incompreensão muito genérica suscitada pela transposição da aproximação psicanalítica dos processos psíquicos em um modelo 'sociológico' dos processos sociais havia, sem nenhuma dúvida apurado a sensibilidade de Elias aos problemas colocados pela estruturação disciplinar do modo de produção do conhecimento sobre o ser humano (Elias, 2010, p. 6-7).²

No caso da obra de Elias, permanecem ainda ocultos e carentes de exame muitos dos problemas radicais que seu trabalho suscita e busca ultrapassar: a transgressão de fronteiras disciplinares; a constituição de um método e trabalho de pesquisa que busca esclarecer as determinações inconscientes de hábitos, costumes e comportamentos socialmente aceitos e/ou rejeitados; a determinação e ratificação de poderes no âmbito das práticas comuns e corriqueiras examinadas na longa duração.

Elegi para exame aqui um único problema suscitado por Elias e que, mesmo após o reconhecimento incontestado de sua obra permanece, no meu entender, pouco examinado. Trata-se da incidência fundamental do pensamento de Freud em sua obra. Trata-se de um exame preliminar e ligeiro já que esse único ponto, em minha opinião, se constitui, ele mesmo, em um campo de pesquisa pródigo e inesgotável.

As razões evidentes que determinam essa escolha são duas:

1) O interesse em examinar mais detidamente a proposição transdisciplinar eliasiana em diálogo constante com o pensamento de Freud, bem como suas soluções, imprecisões e fragilidades; e

2) A preocupação em melhor compreender, através e a partir do pensamento de Elias, os problemas novos que o diálogo entre a psicanálise e a teoria política produzem, e os problemas que um pensador como Elias deixa de herança para os que reconhecem no diálogo entre psicanálise e teoria política um trabalho ao mesmo tempo potente e criativo, do ponto de vista das soluções que abre e dos caminhos inteiramente novos que propõe.

2 Tradução livre do francês.

Ressalto a princípio que, embora o papel do pensamento de Freud ao longo de toda a obra de Elias seja incontestado e, mais do que isso, tenha se tornado um dos pilares a partir dos quais o autor sustenta algumas de suas mais importantes hipóteses de trabalho e interpretação, é igualmente verdadeiro que pouca importância se deu a essa influência e presença na obra de Elias e que, de maneira geral, ela não receba nenhum tratamento especial ou pormenorizado, nem dos sociólogos estudiosos da obra de Elias e muito menos de psicanalistas. Acrescente-se a isso o fato de que em determinados pontos explícitos nos quais Elias dialoga com Freud, incorporando conceitos diretamente dos textos freudianos, nem sempre essa incorporação é conceitual e teoricamente esclarecida ou explicada pelo próprio Elias.³

O que encontramos em alguns dos estudos e coletâneas sobre a obra de Elias são menções, em geral extraídas dos próprios textos de Elias que, todavia, não deixam de mencionar a importância da psicanálise em sua obra.

3 Apenas a título de exemplo destaco dois breves extratos do texto de Elias, no volume 2 de o Processo Civilizador que ilustram o uso e apresentação que Elias faz de conceitos de Freud: *‘A agência do autocontrole individual, o superego, a consciência, ou que quer que a chamemos, era instilada, imposta ou mantida nessas sociedades guerreiras apenas em relação direta a atos de violência física [...]’* (1993, p. 201). Dificilmente poderíamos entender como sinônimos os conceitos de consciência e superego no pensamento de Freud. Nesse momento contudo Elias parece menos preocupado em precisar seu diálogo com Freud do que em encontrar um termo para indicar que a figura do guerreiro medieval não era psicologicamente desprovida de recursos que lhe possibilitassem controlar-se ou restringir seus impulsos de algum modo, ele apenas teria e poderia fazê-lo de outro maneira e seu sentimento, relativamente à violência física, eram completamente distintos do que conhecemos nas sociedades europeias atuais. Em outro trecho, o desleixo com os conceitos está ao lado de indicações interessantes sobre os processos de castração sociais que impõe trabalho psíquico e impõe consequências dolorosas: *“A aprendizagem dos autocontroles, chame-se a eles de ‘razão’, ‘consciência’, ‘ego’ ou ‘superego’, e a consequente moderação dos impulsos e emoções mais animais, em suma, a civilização do ser humano jovem, jamais é um processo inteiramente indolor, e sempre deixa cicatrizes”* (1993, p. 205). Não é, de modo algum, meu interesse nesse trabalho destacar essas imprecisões, ou desleixos de Elias em relação a esse ou aquele conceito psicanalítico deixado à beira de sua própria reflexão. Se isso deixa pontos obscuros sobre o entendimento de Elias em relação a termos, conceitos e ideias de Freud, também é verdade que atestam uma inequívoca proximidade de Elias com Freud onde as cerimônias são dispensadas em nome de uma aproximação descuidada que gradativamente cresce em complexidade em direção às suas consequências mais importantes que poderão ser evidenciadas com os desenvolvimentos posteriores na obra de Elias e muito especialmente em sua última grande obra *Os Alemães* (1997).

Ainda assim podemos ler em Zabłudovsky(2007): “Nas obras de Elias encontramos uma síntese sumamente original entre sociologia, história e psicanálise” (p. 30).

E acrescenta adiante: “Uma das premissas mais significativas na obra de Elias é, sem dúvida, Sigmund Freud” (p. 34).

A autora destaca ainda sobre os livros de Elias *A sociedade de Corte e O Processo Civilizador*: “...não poderiam ser compreendidos sem levar em conta a grande influência das teses freudianas, em particular as expostas no *Mal Estar na Cultura* em torno da importância da agressividade do comportamento humano” (Idem, p. 34).

Embora indicado o inegável caráter fundamental do pensamento de Freud, na construção do pensamento e do método eliasiano, o exame do diálogo entre Freud e Elias permanece superficial e ligeiro na leitura que Zabłudovsky faz da obra desse último. Seu interesse se concentra em discutir as influências de Elias no pensamento sociológico de Elias sem avançar na análise das consequências que o pensamento de Freud legou ao pensamento de Elias e à própria sociologia. Todavia, esse exame não é simples de ser realizado e exigiria uma análise exaustiva de pormenor na obra de Elias, destacando ponto a ponto os instantes fortes e fracos desse diálogo. Por isso, talvez, ele ainda hoje encontre poucos adeptos.

Descontado o caráter informal dos depoimentos colhidos e transcritos de discípulos da escola holandesa de estudos sobre Elias no livro organizado por Ademir Gebara (2005), encontraremos também, nesse livro, menções esparsas sobre esse aspecto do trabalho de Elias, como nessa observação de Stephen Mennel, um dos mais conhecidos estudiosos do legado eliasiano:

Sim, ele herdou, claro que assimilou ideias, assim como o Marx, o Weber, o Freud e todos os outros, assim como Durkheim e o St. Simon e o Tacqueville. O Elias obviamente leu o trabalho de todos eles, mas no final o que ele formou foi uma síntese muito original (Gebara, 2005, p. 75).

De certo modo, segundo Mennel, o exame dos pontos de tensão entre esses pensadores, realizado por Elias, seria de algum modo desimportante em favor a síntese muito particular proposta por ele.

A palavra síntese é muito significativa. O Elias dizia ‘A principal tarefa intelectual na sociologia é a sintética, e não analítica você tem de fazer conexões entre as coisas nas partes que a compõe, que é o significado de ‘análise’. O principal desafio intelectual é detectar conexões (Idem, p. 75).

Mennel sugere uma direção de interpretação da obra de Elias em que o exame dos fundamentos e influências presentes no trabalho de Elias não devessem chamar tanto a atenção, em nome dos resultados que o autor colhe a partir de suas sínteses. Aquelas seriam informações ligeiras, que não poderiam deixar de ser dadas, mas não constituiriam a centralidade da obra eliasiana. Assim a afirmação de Elias de que “sem Freud eu não poderia ter escrito o que escrevi” (Elias, 2010, p. 7), ao invés de indicar um itinerário de estudos críticos dedicados ao exame da constituição do pensamento e da obra de Elias, a partir de sua leitura e incorporação da psicanálise de Freud, permaneceram como dados mais ou menos aceitos e, talvez, pouco estudados nas análises e interpretações sobre a obra de Elias.

Na coletânea brasileira intitulada *Dossiê Elias* (Waizbort, 2001) a menção ou o desenvolvimento da presença da psicanálise e dos conceitos freudianos é praticamente ausente nos artigos sobre o autor. Fica evidente nesse caso que determinadas leituras sociológicas sobre o autor no Brasil também não foram influenciadas ou não se interessaram pelos fundamentos psicanalíticos das proposições eliasianas.

Há, no entanto, exceções e, entre elas, a mais relevante sem dúvida parte do próprio Elias que, no último de seus artigos dedica-se a analisar a presença da obra freudiana em seu próprio trabalho publicado sobre o título *Mais além de Freud* (2010). Do mesmo modo, como já observei, encontraremos numa de suas obras mais importantes, *Os alemães* (1997), um desenvolvimento da interpretação de Elias bastante impressionante do ponto de vista do trabalho

realizado com a psicanálise, e as indicações que essa obra lega como caminhos promissores de pesquisa e desenvolvimento, não apenas para o pensamento sociológico, mas também para a psicanálise interessada na interpretação social e política.

Incluiria ainda, como exceção, trabalhos como os de Alain Garrigou (2001) e Guillaume Coury (2001), por exemplo, que se destacam a partir de leituras que indicam o potencial interpretativo que a psicanálise trouxe para a obra de Elias referido ao seu campo de análise e aos problemas suscitados no debate sociológico. Cito:

Com a mesma postura com que se empenhava em desmentir as ilusões utopistas, Freud sugeriu a permanência desses efeitos da civilização (designada significativamente pelo termo “cultura”) ao mesmo tempo em que não vinculava essa- ou não o fazia com clareza – a um processo histórico. Em suma onde Weber considerava com fatalidade um efeito necessário do desenvolvimento social, Freud explicava a função das ‘satisfações substitutivas’ como solução para as tensões da vida em sociedade. Norbert Elias re-historicizava essas funções de “contrapeso” de “contramedidas”, ao assinalar a novidade de suas formas ligadas ao avanço do processo de civilização (Garrigou, 2001, p. 74).

A observação de Garrigou destaca aspectos bastante fundamentais do trabalho de Elias em diálogo com Freud nas inflexões e críticas que provocou e provoca. Não apenas o debate e o deslindamento que Elias propõe entre civilização e cultura quanto as formações substitutivas e sublimatórias que em Freud revelam inflexões que se alimentam mutuamente. O que Freud indicou como o mal-estar da cultura, e interessantemente traduzido por civilização em algumas traduções de sua obra⁴, revelam não apenas eventuais

4 Em recente discussão entre psicanalistas, tradutores e estudiosos da psicanálise de que participei sobre a tradução do texto *Das Unbehagen in der kultur* de Freud pela editora L&PM, foi extensamente discutida a tradução do título do texto de Freud. A tradução inglesa coordenada por James Stachey, cujo texto foi traduzido por Joan Riviere, optou por *Civilization and its discontents*, no francês, na coleção dirigida por Jean Laplanche;

equivocos de tradução, mas a ambivalência fundamental presente no processo civilizatório tal como as análises de Elias se fartaram em demonstrar.

Ambivalência na própria constituição do sujeito psíquico que, para Elias, é ao mesmo tempo, e sempre, sujeito histórico cujas determinações são reveladoras do sujeito e, ato contínuo, da sociedade que ele também determina e à qual ele pertence.

Podemos observar com mais clareza isso, em Elias e em Freud, examinando o que para Elias foi um dos pontos de encontro entre suas reflexões e a obra freudiana: o conceito de supereu.

Elias sugere a radicalização da compreensão desses padrões a partir da exacerbação da função do supereu freudiano. Se o supereu é um representante do isso para o eu, tal como Freud observa em seu texto *O Ego e o Id* (1923), então esses padrões inconscientes e de repetição não precisariam ser lançados para a indeterminação (filogenia ou hereditariedade), como propunha Freud, mas poderiam ser compreendidas à luz das repetições inconscientes visíveis nos padrões de repetição históricos, invisíveis para a história, mas necessários para uma história do inconsciente, tal como ele se torna plenamente visível em seu exame dos hábitos sociais mais banais e corriqueiros na longa duração.

Esses padrões permanecem como padrões do supereu, constituintes do psiquismo de sujeitos e, por isso são transmitidos pelos próprios sujeitos que

por *Malaise dans La civilisation*, na edição standard brasileira que segue a tradução inglesa e foi traduzida do inglês optou-se por *O Mal-estar na civilização*. Porém, na tradução do mesmo texto, direto do alemão, traduzido por Renato Zwick, revista por Marcio Seligmann e prefaciado por Edson Sousa e por mim, sugeriu-se a tradução de *kultur* por cultura. Parte do apoio a essa opção de tradução é dada pela discussão que Elias faz sobre a evolução dos conceitos de *Kultur* e *Zivilization* no alemão e de *courtuosie* e *civilité* no francês a partir de seu monumental estudo sobre as cortes europeias em O processo civilizador. Interessantemente optou-se nessa tradução brasileira de Freud, direto do alemão, por traduzir *kultur* por cultura apoiando-se nas reflexões de Elias. Foi, portanto, o pensamento de Elias que retroagiu sobre o de Freud e, a posteriori, alterou a palavra de Freud em português. Ver Freud, S. *Mal-estar na cultura*. Tradução de Renato Zwick. Revisão técnica de Marcio Seligmann e prefácio de Paulo Endo e Edson Sousa. Ver Freud, Sigmund. *Mal-estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. Revisão Técnica Márcio Seligmann-Silva, Porto Alegre: L&PM editores, 2010.

juntos constituem e mantêm ativos padrões que, por sua vez, se inscrevem e determinam configurações sociais, institucionais e históricas seculares.

Vejam, justamente, porque o supereu é um representante do id, como definiu Freud, portanto não inteiramente consciente, é que ele exerce um papel fundamental e fundante tanto na economia psíquica quanto na dinâmica social inconscientes que exige um exame que se apoie na psicanálise.

Ou seja, de um lado o sujeito precisa ingressar nos processos identificatórios a fim de constituir seus laços de pertencimento, para constituir-se como cultura – conforme o desenho do Édipo freudiano –, por outro esse ingresso é a condição da constituição mesma do psiquismo de sujeito que se encontra, de uma vez por todas, amalgamada ao seu próprio narcisismo.

Dito de outro modo, o sujeito que se reconhece inscrito na cena social ocupando uma posição tensionada na teia de relações sociais (Elias, 1993) seja como marido, pai, estudante, professor, trabalhador, rico, cortesão, príncipe, etc. Depende da preservação de suas ligações de pertinência e, de certo modo, de sua submissão a essas categorias. Tal submissão determina formações identitárias, cujas exigências são condição *sine qua non* de pertinência e impertinência a grupos sociais específicos que, por sua vez, reconhecem-se em sujeito especular em que eles também se veem refletidos.

Essa dependência e submissão, inscritas inconscientemente, podem ser mais bem examinadas nas repetições de hábitos e costumes, tal como também evidenciam os sintomas neuróticos.

Onde estão nossas neuroses? Em nossas repetições. Onde essas repetições se dão a ver nas configurações sociais? Nos hábitos e costumes replicados, inconsciente e infinitamente, a fim de manter sujeitos identificados e filiados a determinadas categorias e não identificados com outras. Essas filiações constituem formas de regulação sociais que amparam o narcisismo desde que os inúmeros códigos definidores dessas categorias sejam individualmente replicados, repetidos e transmitidos por es sujeitos que se consideram mutuamente pertinentes e semelhantes o suficiente para compreender esses códigos de pertinência.

A formação social que se exhibe a partir das ações de sujeito, constitutiva do mundo psíquico, social e político se revelam naquilo que e sujeito replica, repete, reincide e promove, parcialmente consciente disso.

Sabemos de nossos hábitos, sabemos que os mantemos e transmitimos só não sabemos porque o fazemos, tal como ocorre nos sonhos. Sabemos que sonhamos e até o que sonhamos, só não sabemos a lógica que percorre nossos sonhos e assim permanecemos alijados dos sonhos que sonhamos, do sonhos que somos.

Mas, para Elias, as formações subjetivas que qualificam as pulsões no ponto de revelação no mundo e entre os outros são os sentimentos. Medo, suspeita, admiração, ambição, vergonha, raiva, repugnância, nojo, asco, ódio, amor etc. são sentimentos endereçados ao outro a partir de uma representação de si, inconsciente e definida.

Os sentimentos são inventados e também são previamente inscritos em categorias que e sujeito reclama pertencer. Tais sentimentos, disse Elias inúmeras vezes, constituem o essencial dos sistemas ou configurações sociais, que dependem deles para se replicarem e se transmitirem.

A quebra num único ponto da teia de relações instabiliza e põe em colapso todo o sistema. Tal como a aranha percebe qualquer movimento em qualquer ponto da teia onde se move.

Nesse ponto creio que Elias provoca a psicanálise freudiana convidando-a abandonar a hipótese filogenética e hereditária, à qual Freud apelara diversas vezes e que considerava como sendo um dos eixos de transmissão psíquica, desde a publicação do texto *Totem e Tabu* em 1913. No texto *Mais Além do Princípio do Prazer* (1920) Freud atribuiu à herança e à inscrição no id de certos padrões que se repetiriam no eu ao longo de gerações. Para Freud esses padrões se inscreveriam no id e, portanto, na espécie, assim como o próprio complexo de Édipo⁵. Esses padrões gerariam certas disposições psíquicas que adquiririam a forma de padrões tendentes à repetição.

5 Cito Freud em *O Ego e o Id*: “Mas não se pode falar de uma transmissão hereditária no eu. Aqui surge o hiato que separa o indivíduo real do conceito de espécie. Também não se deve tomar muito rigidamente a distinção entre o eu e o id, e não esquecer que o que o eu é uma parte do id especialmente diferenciada. As vivências do Eu parecem

Abre-se assim para a psicanálise posta a prova por Elias, um tipo de interpretação sobre a civilização e o homem civilizado de vasta envergadura, capaz de revelar na constituição de sujeito civilizado padrões de reprodução que ele próprio replica ao mesmo tempo em que ignora e, em ambos os casos, participa constituindo a cultura e sua transmissão sem a plena consciência disso e, portanto, de maneira aparentemente aleatória.

Diante da produção inconsciente que revela o processo civilizatório como incerto, impreciso e irracional, processo esse que jamais poderá deixar de gerar, em sua própria definição um rastro de mal-estar, a articulação teórico metodológica alcançada por Elias com Freud indicou, outros caminhos não previstos por Freud. Além de sujeito do inconsciente, agente e agido nas configurações sociais que lhe convocam, abre-se uma investigação sobre as dinâmicas inconscientes de sujeito social e político que age e é agido nas configurações sociais empiricamente determinadas, porém, ignorante de suas determinações.

Sua ação ao mesmo tempo em que determina, também se aparta e se independentiza dessas mesmas configurações ante as quais sujeito se percebe apenas como submetido, efeito e não como artífice. Assim Elias prepara uma interpelação e interpretação desse sujeito social, determinante e determinado, no curso do exame da história de longa duração onde os modos de transmissão social repousam sobre as repetições corriqueiras e conservadoras plenamente visíveis a olho nu em nossos hábitos e atitudes cotidianas.

A ação do sujeito como intérprete da cultura (o poeta épico de Freud)⁶ só será identificável a partir dos dispositivos dessa mesma cultura. Virá, portanto,

inicialmente perdidas para a herança, mas, quando se repetem com frequência e força suficientes, em muitos indivíduos que se sucedem por gerações, elas como que se transformam em vivências do Id, experiências cujas impressões são mantidas hereditariamente. Assim o Id hereditário alberga os resíduos de incontáveis existências do Eu e, quando o Eu cria o Supereu a partir do Id, talvez apenas faça aparecer de novo, anteriores formas de Eu, proporcione-lhes uma ressurreição” (p. 48). Vejo nesse ponto o deslizamento de Freud para aquilo que preparam as formulações eliasianas. Esse deslizamento revela o impasse sobre o que Freud denomina de hereditário e se essa hereditariedade, transmitida ao Id, não seria objeto da investigação de longa duração, tal como Elias a propõe. Nesse caso, a hereditariedade representaria uma incerteza provisória na obra de Freud, que Elias viria a questionar e a entregar à investigação histórica.

6 Ver *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921).

do sujeito que se reconhece como sujeito da cultura e, como tal, é instituído e instituinte do que é também, ele próprio, um efeito. O sujeito é efeito da cultura e a cultura é efeito de sujeitos. E nesse sentido também a psicanálise, o sujeito no divã que interpreta e reinterpreta suas repetições também reinterpreta as próprias injunções hetero e auto infringidas e, nesse sentido, faz política.

O autocontrole como injunção reguladora indispensável na conformação dos hábitos e costumes civilizados, tal como destacado no segundo volume de *O processo civilizador* (1993), revela a face social, política e institucional das funções sublimatórias – revelação não alcançadas por Freud –, e permite uma leitura dos processos sublimatórios, mais ou menos bem sucedidos, a partir das análises dos processos históricos – e, antes, apoiados na filogenia sugerida por um Freud indeciso. A história então revela sua ação psicanalítica, já que é a historicização das configurações sociais que pode revelar os efeitos inconscientes agidos pelo sujeito e, ato contínuo, reproduzidos pelas instituições da cultura e da civilização.

Ao propor seu trabalho sociológico de historicização desse modo, Elias possibilitou também evidenciar as determinações ou a superposição de determinações institucionais, sociais e políticas implicadas nas mudanças e permanências comportamentais (individuais) que passam a ser regidas e replicadas, simultaneamente pela economia psíquica que, por sua vez, age como instituinte das formações sociais que lhe são coevas e historicamente determinadas. Assim Elias demonstrava o caráter político dessas formações sociais na transmissão de padrões duradouros de civilidade que se mantêm apoiados por mudanças tidas como evolutivas e/ou civilizatórias.

Embora Elias visse com bons olhos o processo civilizatório, como propiciador do distanciamento progressivo da violência permitida e a introjeção do autocontrole nas relações sociais e políticas, também foi ele quem melhor demonstrou a ambivalência desse processo e os esforços do poder para agenciar tais tensões e ambivalências. Isso pode ser evidenciado pelas constantes aspas que Elias emprega para o termo civilização, civilizado, civilidade em sua obra *O Processo Civilizador*.

A partir de suas análises a civilização resulta de padrões de transmissão hegemônicos que perduram, muitas vezes, sob a ignorância das sociedades

que os reproduzem e cujos vestígios estão nos hábitos e costumes sociais, cuja função é a preservação de ideais e valores de determinados grupos específicos, por sua vez, disseminados como padrões gerais civilizados a serem incorporados, adotados, imitados e transmitidos. Identificar-se com o que e com quem torna-se elemento fundamental para a compreensão do processo civilizador e do próprio sentido psíquico, social e político do que vem a ser civilizado. E, a meu ver, Elias tem razão em eleger a segunda tópica freudiana (o processo de constituição do sujeito, o destaque do ideal do eu e do supereu em o ego e o id) para demonstrar isso.

Portanto, longe de proclamar a civilização como ponto de chegada dos sujeitos, sociedades, grupos e nações, Freud e Elias incumbiram-se de desmistificar os ideários do homem civilizado, revelando a face oculta da civilização repleta de contradições, tensões e conflitos cujas dinâmicas são tão determinantes quanto recalçadas e ignoradas. E é no lastro desses recalques e ignorâncias que hegemonias se organizam, se mantêm e se instituem e é ante a elas que os sujeitos reclamam sua pertinência ou impertinência.

O que o diálogo proposto por Elias traduz em ganho são chaves interpretativas que indicam persistentemente a emergência de fatores inconscientes (matéria da psicanálise), determinantes nas configurações sociais, que agem na replicação de hábitos, costumes e repetições (matéria da sociologia), por sua vez institucionalizados e reconhecidos como inerentes, precisamente porque as razões de sua preservação são profundamente ignoradas e/ou reprimidas e/ou recalçadas e/ou apagadas. A análise dos processos identificatórios aos quais se lança o sujeito são a chave para a compreensão do processo civilizador como ideário das sociedades europeias e seu caráter expansionista em todos os lugares.

A operação eliasiana possibilita reencontrar um caminho de análise daquilo que Freud denominou, genérica e imprecisamente, de realidade material nos processos de constituição do sujeito, indicando empiricamente os mecanismos de constituição dessa realidade material da qual o sujeito faz parte e constitui, mas que a vive como se esta se lhe opusesse ou lhe fosse alheia e imanente.

Percebida e vivida como dicotômicas pelo sujeito, as realidades psíquica e material indicam que se há um psiquismo que age sobre o que lhe é estranho, há uma realidade que insiste como coisa a ser interpelada e exige registro psíquico.

As análises de Elias revelam então um campo pródigo de análise que recai sobre aspectos sociais aparentemente estéreis como hábitos, costumes e comportamentos sociais repetitivos, evidenciando na análise desses aspectos sociais conflitos e disputas pessoais, sociais e políticas fundantes e até então invisíveis para os próprios indivíduos que conservam e preservam esse habitus.

Acrescente-se a isso ainda proximidade metodológica entre a psicanálise e a psicogênese e sociogênese proposta por Elias. Assim como o trabalho psicanalítico que se exerce nas claudicâncias, nos hiatos, nos detalhes aparentemente ínfimos e despercebidos, lá onde o inconsciente acena e determina a vida psíquica sem que se saiba exatamente como ou porquê. Elias propõe seu exame que se volta para os aspectos invisíveis da história, justamente àqueles aos quais poderia ser atribuído um caráter individual e subjetivo.

Ao se aproximar de Freud, Elias buscava apoio teórico para ir além da mera valorização das emoções no pensamento sociológico. Ele pretendia teorizar e aprofundar o que até então permanecia limitado à consideração da importância das emoções (vergonha, raiva, medo, ansiedade, etc.) nos fenômenos sociais em direção a um modelo capaz de explicar a gênese dessas emoções e suas formações e deformações sociais preservadas e transmitidas ao longo do tempo, bem como suas descontinuidades e pontos de ruptura que ocorrem a despeito dos sujeitos e das sociedades os ignorarem completamente.

A ignorância dos indivíduos que desconhecem as razões do que sentem, porque o sentem, mas que são instruídos por esses sentimentos revela, precisamente, a ignorância sobre seus sintomas e determinam as repetições e a institucionalização dessas mesmas repetições que adquirem caráter social duradouro.

O caráter transdisciplinar das elaborações de Elias, confessadas por ele desde o princípio, com constância e convicção, revelam, a posteriori, um

impacto nessas mesmas disciplinas nas quais Elias se apoia na construção de sua própria concepção de trabalho.

Assim o vemos dizer que o seu quase paradigmático trabalho, *O processo civilizador*, publicado em 1938 pela primeira vez juntamente com *A sociedade dos indivíduos*, teve uma inspiração inusitada que foi atribuída, pelo próprio Elias, ao seu desconforto diante das psicologias do início do século, ocupadas em explicar os fatos psíquicos a partir do presente, cujos dados extraídos a partir de testes psicológicos e as formas de controle comportamental (Elias, 2001, p. 62-63). Desconforto muito parecido com o de Freud com as psicologias da consciência que nasciam e se consolidavam como ciência no início do século XX.

Lembremos ainda que os primeiros trabalhos em teoria comportamental cujas bases surgiram no início do século com os trabalhos do fisiologista Pavlov e seguido por John Watson e outros. No mesmo período Wilhelm Wundt, também contemporâneo de Freud, fundara a psicologia moderna laboratorial na Alemanha, em Leipzig na primeira década do século XX. (Endo; Sousa, 2010; Sousa; Endo, 2012).

Tal como Freud fizera, nascia a partir do trabalho de Elias, um pensamento avesso às teorias que se apoiavam sobre dicotomias e às quais, por sua vez, se apoiariam certas psicologias, reificando a noção de indivíduo e, consequentemente delimitando seu próprio domínio: a consciência e o psicológico.

A psicanálise surge contrária à noção de indivíduo, na mesma medida em que apresenta a noção de sujeito do inconsciente, a um só tempo descentrado e incapturável pela consciência, e que apresenta o conceito de pulsão (energia entre o psíquico e o somático) que impõe e possibilita representações, ligações psíquicas necessários para que alguma expressão pulsional negociada seja possível.

A energia pulsional que impele e pressiona o psiquismo necessita, entretanto, de um caminho que ela busca entre os objetos e as coisas onde a pulsão pode ser escoada, vazada e, ao mesmo tempo, reconhecida em sua designação como força e dinâmica constituintes do psiquismo enquanto tal, através da apropriação, só possível através dos objetos da pulsão. Ou seja, o sujeito

psíquico só existe relativamente aos objetos que possui ou que lhe faltam: objetos do desejo. Força bruta cativa dos objetos que lhe conferem forma.

É diante da resistência do objeto ante à força pulsional que o psiquismo se constitui enquanto tal. Esses objetos que são animados ou destruídos pela pulsão psíquica, são também constituintes do trabalho psíquico que surge para qualificar a pulsão, possibilitando que do trabalho psíquico diante do quantum de força pulsional derivem qualidades psíquicas inéditas, qualidades essas que são condição para que se produza cultura e civilização. O quantum de força pulsional qualificada pelo labor psíquico revela-se como trabalho e linguagem.

A exigência crescente do autocontrole em sociedades cada vez mais complexas e diferenciadas em suas funções, revelam dispositivos institucionais ativos aos quais os indivíduos têm de desejar corresponder e figuram como ponto cego do desejo. O autocontrole é, portanto, um efeito dessa injunção e uma captura dos desejos em nome da preservação dos pactos que constituem a cultura e, supostamente, amparam a civilização. Sem controle, um ‘bem maior’ – a civilização – supostamente cairia por terra ou não seria possível.

Nesse sentido as análises das configurações psíquicas e sociais de longa duração empreendidas por Elias deixam à mostra os processos de adaptação social, complexos e duradouros, nos quais se pode perceber a imbricação inconsciente entre os sujeitos e as formações sociais nas quais interage, sendo também agido por elas, o que só é possível reconhecendo as tensões pulsionais (psíquicas) inerentes a esses processos complexos envolvendo a pulsão e os objetos da pulsão.

A preservação ou a mudança de hábitos, comportamentos, instituições e códigos é amalgamada por sentimentos, determinados amplamente por essas tensões que se exercem, amparados pelo contexto social e político e dele dependem para sua preservação e extinção. É aí que um sujeito psíquico será encontrado, nas flutuações tensas entre as determinações e indeterminações sociais, éticas, políticas e culturais e atravessado por elas.

Essa mútua implicação genética põe em evidência o caráter profundo dos processos sociais, precisamente porque é efeito e causa do psiquismo enquanto tal. O que Elias entendeu como o processo civilizador revelou-nos, na verdade,

que a substância concreta do mundo em que vivemos define-se continuamente sob o peso e o atravessamento das individualidades que sofrem determinações e indeterminações ao longo do tempo, ao mesmo tempo constituindo e colapsando hábitos, valores, sentimentos, leis, tabus e instituições sociais que são, em grande parte, efeitos de dinâmicas inconscientes, jamais inteiramente compreendidas.

A civilização é, portanto, também um processo de alienação.

O exame de longa duração permite tornar aparentes as repetições seculares que o tempo presente apaga ao atribuir ao que se repete uma atemporalidade que ignora sua gênese e sua função política e social. Por isso é possível considerar a análise de longa duração ocupando, no trabalho de Elias, o lugar da interpretação dos sonhos na psicanálise de Freud. Ponto de fuga para encontrar a manifestação do inconsciente fora do tempo da experiência empírica e do conscientemente recordado às vésperas do apagamento, do esquecimento e do recalque.

Esse apagamento é realizado a partir da repetição, que é repatriada socialmente e institucionalizada. Dessa forma adquire nome, função e lugar. Tal repatriamento obscurece o caráter repetitivo e sintomático tornando-o um hábito ou costume que são formalizados, institucionalizados e exigidos sem maiores explicações e permanecem em boa parte imunes à compreensão.

Tal como Elias revelou a partir de seus estudos sobre o sentimento de vergonha, comportar-se de modo certo ou errado é um efeito da experiência psíquica e social da vergonha, ela mesma um sintoma que é dado como hábito ou costume. Mas a vergonha social, à qual todos tentamos responder e respeitar é, ela mesma, incompreensível.

Elias indicou com clareza que aquilo que aparece como hábito, tabu social e regra a ser seguida pode ser perseguida até o ponto em que o indivíduo, cidadão, cavaleiro, burguês ou membro da corte, – consciente ou inconscientemente –, replica padrões em seu cotidiano mais ordinário, enquanto ignora sua gênese e seus efeitos.

Sem a clareza das linhas de força que incidem sobre a preservação de hábitos e costumes, os sujeitos que os reproduzem são capturados por um sentido ininteligível, só reafirmado pela repetição incontestante que constituem os segredos e os padrões sobre os quais se apoiam as tendências conservadoras e, muitas vezes, obstaculizadoras da transformação e da mudança. Tendências em geral dotadas de rigidez, forte hierarquização e instalada sobre os princípios da ordem e da obediência.

Sem a interpretação sociológica das condições de gênese (sociogênese e psicogênese) da emoções e dos sentimentos e, portanto, de sua função política e social, sentimentos permanecem como epifenômenos das análises sociais capturados nas causalidades do psicologismo a-histórico, avesso à interpretação de sua própria lógica.

A ausência de uma interpretação que se estende sobre a gênese de expressões, antes de Elias, tidas como individuais e atemporais, tem de se alastrar sobre os hábitos e os costumes e tem de debruçar-se sobre o cotidiano onde se colhe e se capturam essas manifestações, outrora interpretadas como idiosincrasias individuais. Trata-se, de fato, do reconhecimento dos desejos que atravessam as linhas de continuidade temporal e evidenciam configurações antes veladas pela obscuridade.

Num certo sentido, a própria noção de indivíduo é a expressão de uma fantasia que rejeita o pensamento complexo e radicaliza os anseios de universalização em detrimento da singularização.

No mesmo sentido Freud reconheceu nos tabus modos de transmissão sem genealogia, apoiados na repetição e na ignorância das condições de sua gênese. Transmitindo ao mesmo tempo o que se deve e se pode saber e o que se pode e se deve ignorar.

O que Elias contribui para evidenciar é que os processos de recalque e repressão, ao fracassarem, produzem um resto, como efeito da deformação do desejo que é agido e reagido socialmente. O resto de violência, não domesticado pelas instâncias recalcentes e repressoras do sujeito são agidos ou atuados, adquirem forma social e política e são preservados como elementos mais ou menos fragmentários do que denominamos genericamente de sociedade, forjada por pensamentos e ações aparentemente planejadas, deliberadas

e projetadas mas que, por sua vez, só podem agir sobre o que foi preservado como restos e derivados do recalçado, portanto, restos inconscientes. De certo modo tudo o que se sabe, se apoia e é conformado por tudo o que se ignora, do mesmo modo como tudo o que se apropria, psiquicamente falando, é determinado por tudo o que foi recalçado.

Os estudos de Elias revelam então esses restos compostos por fragmentos e derivados do recalçado que assumiram forma e conteúdo, socialmente falando, mas permanecem, exatamente como no recalçamento originário, a determinar novos recalçamentos e novos recalçados.

Analogamente, Elias realiza em seus exames de longa duração sobre os processos sociais e políticos – o que é impossível realizar no tratamento analítico –, o desvelamento do conflito que colocou em ação o primeiro recalque, o recalque originário, socialmente reconhecível nas análises de longa duração, ponto de origem de repetições consagradas e politicamente institucionalizadas secularmente. O mito de origem, diz Elias, não precisa ser inventado, com o em *Totem e Tabu*, ele pode ser compreendido pela investigação histórica zelosa.

O psicanalista então, não deveria temer a história, como o próprio Freud descobriu indo em direção à historiografia do judaísmo em seu último grande texto *Moisés e a religião monoteísta* de 1938. Evidenciar que a investigação histórica também revele as formações inconscientes dos seus próprios ideários e ambições: a civilização, foi em grande parte o trabalho de Elias. Os estudos eliasianos permitem compreender o preço que pagam os sujeitos que ambicionam a civilidade e a ela desejam pertencer e o que significa a preservação da especularidade identitária que possibilita ao sujeito se reconhecer e auto-proclamar-se civilizado.

Nesse aspecto podemos indicar o ponto provável de confluência entre as teses de *Totem e Tabu* e do *Processo Civilizador de Elias*. Freud pressupõe um assassinato primevo de um pai tirano pelos irmãos escravizados que, revoltados assumem o próprio destino de modo inseguro e ambivalente. Doravante os assassinos do pai deverão cuidar para não tornarem-se os assassinos dos próprios irmãos, já que trata-se do convívio entre assassinos. Paradoxalmente esse ato bárbaro funda a cultura e a civilização, para Freud, para sempre

determinada pela ambivalência, pela falta, pela fenda na qual se exerce a política, num processo que jamais se completará.

Talvez pudéssemos reconhecer em Elias, pelos efeitos que sua obra produz, um entalhador dessa tese bruta de Freud. Procurando na própria cultura seu modo de operação paradoxal em que somos os herdeiros do rei – assim como do pai tirano – e ignoramos os caminhos possíveis de nossa emancipação, na medida que somos repositores da violência originária, executada por uma burguesia tardia que ainda não se sabe sem as insígnias identitárias das sociedades de corte e ainda sente o flagelo da ausência do rei decapitado (totem), o pai morto. O rei tirano que repomos continuamente nas manifestações sociais, políticas e culturais que hoje abundam de modo jamais previsto em diferentes modos de pensar e agir e em diferentes países e regiões do mundo antes consideradas a salvo das tiranias.⁷

Referências

- Coury, G. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais: da economia psíquica a arte. In: Garrigou, A.; Lacroix, B. (org.). Trad. Maria Lúcia Pereira. *Norbert Elias: A política e a História*. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 123-144.
- Elias, N. *O processo civilizador* (vol. 1). Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.
- Elias, N. *O processo civilizador* (vol. 2). Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1993b.
- Elias, N. *A sociedade dos indivíduos*. Trad. Mário Matos. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993a.
- Elias, N. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

7 Remeto o leitor ao artigo publicado Endo, P. *A ressurgência da tirania como elemento originário da política*. In: Leite, N. & Milán, G. *Entreato: entre o poético e o analítico*. Campinas: FAPESP/Mercado das Letras, p.491-501 no qual essas questões são detalhadas em diálogo entre Sigmund Freud e a obra *Homo Sacer I* de Giorgio Agamben.

- Elias, N. *Elias por ele mesmo*. Trad. André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.
- Elias, N. *Au-delà de Freud*. Sociologie, psychologie, psychanalyse. Paris: Editions La découverte, collection « Textes à l'appui », 2010.
- Endo, P. A ressurgência da tirania como elemento originário da política. In: Leite, N.; Milán, G. *Entreato: entre o poético e o analítico*. Campinas: FAPESP/ Mercado das Letras, 2011, p. 491-501.
- Endo, P.; Sousa, E. *Sigmund Freud: ciência, arte e política*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- Endo, P.; Sousa, E. Itinerário para uma leitura de Freud. In: Freud, S. *Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, p. 7-19.
- Freud, S. *O Mal-estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010b.
- Freud, S. *Psicologia das Massas e Análise do eu*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010a.
- Freud, S. *Obras Completas*, vol 16: o eu e o id, “autobiografia” e outros escritos (1923-1925). Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- Freud, S. *O homem Moisés e a Religião Monoteísta*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- Garrigou, A.; Lacroix, B. (org.). Trad. Maria Lúcia Pereira. *Norbert Elias: A política e a História*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- Gerbara, A. *Conversas sobre Norbert Elias*. Piracicaba/SP: Biscalchin Editor, 2005.
- Ribeiro, R. J. Uma ética do sentido. In: Elias, N. *O processo civilizador* (vol. 2). Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1993, p. 9-12.
- Waizbort, L. (org.). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- Zabludovski, G. *Norbert Elias y los problemas actuales dela sociologia*. México: FCE, 2007.